

No fluxo do rio: confluência de papéis na prática de pesquisa em um centro de recuperação para dependência

Maiton Bernardelli¹, José Roque Junges² & Marcelo Simão Mercante³

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões a partir da experiência de campo de uma pesquisa etnográfica realizada na Casa de Recuperação Caminho de Luz, em Rio Branco/AC. A instituição para tratamento de usuários de drogas tem como um de seus pilares o tratamento espiritual através do uso ritual de ayahuasca em sessões que seguem a doutrina da União do Vegetal (UDV). Ao estar em campo, além da preocupação com a busca pelos dados da pesquisa, o pesquisador viu-se comprometido em questões relacionados à profissão de origem – psicólogo e psicoterapeuta. Demandas de gênero, grupo e conflitos conjugais foram emergências que exigiram do profissional espaços para descolamentos do papel de pesquisador ao passo que assinalava tais fenômenos como manifestações do campo. Tais constatações fazem refletir a prática de pesquisa, especialmente em saúde coletiva, como espaços reflexivos onde tencionam práticas profissionais e papéis do pesquisador considerando a importância da delimitação de tais lugares e da neutralidade em campo.

Palavras chave: Reflexividade, etnografia, papéis.

Introdução

Ainda que a passos curtos na tradição de pesquisa em saúde, a metodologia de pesquisa qualitativa nesta área vem ganhando espaços significativos. (CAPRARA e LANDIM, 2008; BOSI, 2012). Desta forma a utilização de métodos qualitativos e seus instrumentos têm tomado o interesse de pesquisadores nas áreas da saúde, especificamente influenciados pelas ciências sociais e pela antropologia.

1 Psicólogo, Mestrando em Saúde Coletiva, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

2 Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

3 Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos -- Ufscar.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A metodologia qualitativa permite explorar o cotidiano das pessoas e seus processos sociais, sendo:

“adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2010, 57)

Dentre as estratégias utilizadas nas pesquisas qualitativas, destaca-se a etnografia. A etnografia, é caracterizada como “a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças.” (ANGROSINO, M., 2009, p. 30)

Como tradição antropológica, ainda que possa ser considerada, para além de um método, uma teoria, a partir das descobertas que dela emergem (PEIRANO, 2014), a etnografia se constitui de um procedimento científico. Magnani (2012) defende essa perspectiva, apontando para o uso reducionista que o método etnográfico vem sendo apresentado aos espaços urbanos, especialmente influenciados pelas pesquisas de marketing e mercado.

Riberio (2010) destaca que as recentes demandas de pesquisa circunscrevem ao campo da antropologia e do método etnográfico desafios quanto a um dos princípios fundamentais da produção deste conhecimento, o tempo. Para a pesquisadora, as demandas externas, provenientes dos desdobramentos entre sociedade civil e universidades desdobra a metodologia etnográfica em uma experiência “a jato”, ainda que deva preservar suas características mesmo que as circunstâncias não sejam as ideais. (RIBEIRO, 2010)

A questão do tempo de campo nas etnografias em saúde coletiva, foi apontado por Knauth (2010) como um desafio para que seus resultados consigam refletir a qualidade dos dados coletados. A este aspecto, a pesquisadora aponta que a etnografia não deve servir como simples técnica de coleta de dados, “mas enquanto uma forma de olhar, apreender e interpretar a realidade.” (KNAUTH, 2010, p. 110)

A este aspecto, pretendo apresentar situações desafiadoras vivenciadas em uma “experiência etnográfica á jato”. A experiência se deu numa pesquisa de campo em um centro de recuperação para dependência no estado do Acre. O pesquisador não conhecia o campo fisicamente, sendo, sua inserção



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

inaugurada com sua instalação em uma casa da comunidade. O tempo de campo foi breve, totalizando pouco mais de trinta dias, com vivências intensas em toda a rotina da instituição.

Primeiramente apresento algumas características do campo, como enquadre para compreensão das reflexões posteriores. Em seguida, apresento recortes do diário de campo, em que o fluxo das vivências é metáfora como problematização da experiência e também da própria pesquisa à medida que ela se desenvolve, movendo-se em direção a um caminho previsível, mas incógnito. Como o fluxo de um rio que desagua em destinos desconhecidos, ainda que se pretenda alcançar objetivos, como tradição de pesquisa na área da saúde coletiva.

Neste sentido, antes da pretensão de chegar à conclusões, esta apresentação busca produzir reflexões a partir da experiência etnográfica enquanto metodologia de pesquisa e as demandas externas aos objetivos de pesquisa que insurgiram, instigando demandas quanto ao papel profissional do pesquisador, enquanto psicólogo. Essa necessidade reflexiva nos permite a manutenção dos fluxos do aprender rumo à novos conhecimentos.

O campo: A Associação Beneficente Caminho de Luz

A Associação Beneficente Caminho de Luz foi fundada em 2001 e atende na modalidade de internação qualquer indivíduo que deseja tratamento para dependência química. O ingresso na instituição se dá por meio de internação voluntária e ou por encaminhamentos através da rede de saúde da cidade de Rio Branco e arredores, ou ainda por varas da justiça.

O projeto terapêutico, além do tratamento espiritual, contempla atividades de laborterapia, reuniões de grupo, acompanhamentos individuais e se divide em duas etapas. Na primeira, os indivíduos são acolhidos e orientados até os seis meses de tratamento. Nesta etapa são destacados o enfrentamento da abstinência, a prevenção de recaída e o resgate com vínculos familiares. A segunda etapa compreende o período final de tratamento que vai do sétimo ao nono mês de internação. Nesse período o interno inicia o processo de reinserção social, podendo participar de atividades e cursos fora da instituição, visando resgatar os vínculos sociais e desenvolver perspectivas para o futuro após a internação.

Conforme a avaliação inicial realizada pela equipe de atendimento, as pessoas são conduzidas a diferentes unidades de internação administradas pela Associação Beneficente Caminho de Luz,



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

sendo elas: Centro de Recuperação Caminho de Luz (Rio Branco); Casa de Acolhimento Mestre Gabriel (Rio Branco), Casa de Acolhimento Rei Salomão (Senador Guiomard), Casa de Acolhimento Luz Divina (Bujari), Casa de Acolhimento Luz na Floresta (Acrelândia), Casa de Acolhimento Luz da Restauração (Epitaciolândia) e Casa de Acolhimento Caminho de Luz (Ouro Preto/RO).

Os trabalhos espirituais realizados pela instituição seguem a doutrina da União do Vegetal que cultiva a ingestão da ayahuasca em suas sessões. A origem da palavra Ayahuasca vem do quéchua e significa “cipó das almas” (LABATE, 2004). Bebida de origem amazônica, a ayahuasca, consiste, em geral, da combinação do cipó *Banisteriopsis caapi*, com a folha do arbusto *Psychotria viridis*, podendo ainda ser acrescida de diversas outras plantas dependendo da comunidade religiosa ou do contexto ritual de seu uso, sendo a NN-dimetiltriptamina (DMT), presente nas folhas de *Psychotria*, o agente psicoativo principal (ASSIS e LABATE, 2014).

A União do Vegetal (UDV) é a mais recente das religiões ayahuasqueiras brasileiras e a que mantém maior número de associados (MACRAE, 2004). Foi a terceira religião desenvolvida no Brasil, em 1961, fundada por João Gabriel da Costa (Mestre Gabriel), tem influências cristãs, porém a cerimônia se assemelha mais aos rituais xamânicos sendo, este, conduzido pelo “Mestre”, que fica responsável por conduzir toda a sessão do ritual. O cristianismo é a base da doutrina, mas trabalha com elementos de culturas africanas e indígenas, aproximando-se também de linhas espíritas por ter a reencarnação como um de seus pilares (GENTIL e GENTIL, 2002).

Conforme MacRae (2004), o chá é conhecido pelos seguidores da UDV como “Hoasca”, ou “Vegetal” (origem da denominação religiosa), sendo sua ingestão considerada beberagem, em função de se considerar que o chá deve ser “bebido” ao invés de “tomado”. O efeito da bebida é conhecido pelos seguidores da UDV como 'burracheira', sendo considerada por Mestre Gabriel como uma “força estranha”, ou a presença da "Força" e a "Luz" do Vegetal na consciência daqueles utilizam a bebida (BRISSAC, 2002; MACRAE, 2004).

Na medida em que na UDV, geralmente, a ênfase se coloca diante da cura do espírito e não apenas do corpo, fica difícil explicar a borracheira, sendo que esta experiência incide dos sentimentos emergentes na experiência de contato com o sagrado, adquirindo sentido somente na medida em que se experimenta tal sensação (RICCIARDI, 2008).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A Associação Beneficente Caminho de Luz, que tem por origem o Centro Espírita Templo da Ordem Universal de Salomão, realiza trabalhos espirituais em sua sede quinzenalmente, onde participam todos os sócios da doutrina. Em cada uma das unidades de tratamento das quais a Associação administra existem os denominados “pré-núcleos”, nos quais são realizadas sessões espirituais com a ingestão do chá aos internos, nas quartas-feiras e sábados. O tratamento tem por base a espiritualidade e o uso do chá, sendo rotina o consumo da bebida em períodos do dia para além das sessões espirituais. Mercante (2013), destaca que, no modelo de tratamento baseado no uso da ayahuasca, a dependência é compreendida como reflexo de um problema espiritual que o indivíduo vive, sendo as práticas espirituais/religiosas a base do processo de recuperação.

Conforme levantamento realizado pela instituição entre o período de janeiro à setembro de 2016, observa-se na Tabela I algumas características dos usuários do centro de recuperação Casa Caminho de Luz, campo principal da pesquisa.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Tabela I: atendimentos ABCL – janeiro à setembro 2016.

Tabela de atendimentos ABCL de janeiro à setembro 2016.*(n=155)

	N	(%)
Faixa etária		
18-25 anos	48	31,00
26-35 anos	52	33,55
36 -45 anos	39	25,16
≥46	19	12,26
Raça/Etnia		
Branca	15	9,68
Negra	13	8,39
Parda	127	82,00
Escolaridade		
Analfabeto	6	3,90
Ensino Fundamental Incompleto	79	51,00
Ensino Fundamental Completo	27	17,44
Ensino Médio Incompleto	20	12,90
Ensino Médio Completo	17	11,00
Superior Incompleto	3	1,93
Superior Completo	3	1,93



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Histórico residencial (com quem morava?)

Com familiar	91	58,71
Sozinho	5	3,23
Em situação de rua	28	18,06
Apenado	31	20,00

Localidade de origem

Rio Branco	116	74,84
Interior do Acre	21	13,55
Outros estados	17	10,98
Exterior	1	0,64

Formas de Encaminhamento

Acompanhado por familiar	91	58,71
Sem acompanhante	48	31,00
Situação de rua (CRAS ou rede de serviço)	11	7,10
Encaminhamento judicial	5	3,22

*Dados levantados e oferecidos gentilmente pela Associação Beneficente Caminho de Luz.

Entre o período de janeiro à setembro de 2016, foram registradas 155 internações no Centro de Recuperação Casa Caminho de Luz. Em relação à faixa etária, mais de 33% dos internos do sexo masculino se encontra entre os 26 a 35 anos de idade, sendo as pessoas com mais de 46 anos as que



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

menos acessam o serviço (12,26%). Quanto à etnia 82% das pessoas foram identificadas como pardas. O nível de escolaridade, aferido em períodos escolares, indica que 51% das pessoas têm ensino fundamental incompleto. Conforme os dados da tabela, a maioria, 74,84% dos internos eram da capital do estado do Acre, Rio Branco. A maioria, ainda, declarou-se morando com um familiar (58,71%). Esse dado corrobora com o fato da maioria dos encaminhamentos de internação serem realizados na presença de um familiar (58,71%). O encaminhamento judicial representa pouco mais de 3%. Esse dado é influenciado por dificuldades da instituição em envolver-se em convênios e projetos públicos, tendo em vista algumas adequações necessárias exigidas pelo ministério público para que a instituição possa acolher maior demanda judicial.

A “experiência etnográfica”, o pesquisador

Magnani (2009) destaca a “experiência etnográfica” como aquela marcada pela imprevisibilidade. Conforme o pesquisador, a experiência etnográfica se caracteriza em duas circunstâncias: como “*primeira impressão*”, no contato com um tema e campo desconhecidos; e como “*experiência reveladora*” com a pesquisa em andamento (MAGNANI, 2009). Nesse caso, a etnografia se configura como prática e experiência a partir da sensibilidade do pesquisador em conduzir sua pesquisa a partir do que lhe provoca “afetamentos”, ou seja, aquilo que lhe provoca estranhamento em determinadas situações de campo. (FAVRET-SAADA, 2005)

Ainda antes da pesquisa de campo, junto à Caminho de Luz, minha “experiência etnográfica” (MAGNANI, 2009) se iniciava. Minha experiência em estudos relacionados ao tratamento para dependência se traduzia por práticas de profissionais como psicólogo em comunidades terapêuticas e atendimentos clínicos. Pouco, ou quase nada, conhecia sobre o uso da ayahuasca, especialmente no que se relaciona ao uso terapêutico. Confesso que a influência da mídia e de situações mal apresentadas me mantinham na racionalidade científica de minha formação. Com a inserção no programa de mestrado conheci, influenciado por meu orientador Marcelo Simão Mercante, novas perspectivas em relação à espiritualidade e ao uso da ayahuasca no tratamento para dependência.

Assim que o projeto de mestrado finalizava, me sentia distante do que eu escrevia. Tinha a sensação de estar cometendo o erro de desrespeitar as pessoas que realizavam a prática do uso religioso da ayahuasca por desconhecer a bebida através da experiência. Ora, se pesquiso em igrejas



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

católicas, evangélicas, espíritas etc., minha inserção nestes locais me faz emergir em seus rezos e rituais, estaria eu próximo deste contexto sem ter uma experiência com o uso do chá? Estaria próximo destas pessoas que pretendia conhecer? Levei em consideração o fato de nunca ter frequentado nenhum centro religioso que pratica o uso da bebida em suas sessões.

Me dispus a fazer uma inserção em um grupo “neo-ayahuasqueiro” (terminologia usada para identificar pequenos grupos urbanos), por indicação de uma colega do grupo de pesquisas do programa de mestrado. O grupo se define como “xâmanico tântrico” e tem sede no interior do estado de São Paulo, com um núcleo em uma cidade da serra gaúcha vizinha à minha. Esta experiência trouxe a oportunidade de reconfigurar a escrita de meu projeto, principalmente na definição das questões de pesquisa e no delineamento das entrevistas. Eis parte do registro da experiência:

“(…) Esta, dentre outras experiências vividas durante o processo me permitiram um encontro profundo comigo mesmo. Tive a sensação de que minha história inteira passasse diante de mim. Algo como experimentar anos de terapia em uma única sessão. Os insights eram intensos. Meu corpo parecia responder ao que minha razão ainda não compreendia. Não tive nenhuma reação de purga. Confesso que me sentia tenso. Cheguei a me sentir confuso. Não conseguia atentar aos rezos e músicas que conduziam o ritual. Ao passo, uma profunda paz me invadia, como que um descanso profundo, num caminho rumo a lugares desconhecidos em mim mesmo. Durante todo o tempo, marcadamente percebia o olhar cuidadoso de todos e para com todos. A troca de cuidado era extrema. Haviam os que se sentiam mal e eram carinhosamente abraçados e, os que ofereciam água e chá quente para aquecer e amparar. Os olhares mútuos e trocas constantes fizeram com que me sentisse seguro para viver a experiência. Fiquei refletindo tudo aquilo que experienciei por vários dias. Provavelmente ainda esteja fazendo.”

Esta experiência me proporcionou o contato vivo com o de uso ritual da ayahuasca, entretanto a experiência em campo se daria num ritual diferente. Esta diferença foi registrada logo na primeira sessão em que participei e me trouxe importantes reflexões na condução de minha postura como pesquisador em campo.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

“(...) Mereferindo á única experiência que tive com o uso ritual da ayahuasca, percebe-se claramente a diferença entre os rituais. Me senti provocado. Talvez tenha criado expectativas. Foram, de certa forma, superadas, porém me coloquei a questionar: Todas as pessoas aqui poderiam fazer uso da bebida? Será que passaram por uma avaliação prévia? Será que as pessoas compreendem tudo o que o Mestre profere? Visualizei muitas pessoas entrando e saindo, mas o clima foi de extremo respeito e concentração. Um silêncio, as chamadas e músicas. A palavra do Mestre é o foco da sessão. Ainda que eu estivesse tenso, percebi uma rigidez disciplinar durante toda a sessão. Minha ingestão da bebida não me provocou nenhuma sensação desconfortável, ao passo que também não tive uma explosão de insight. Talvez porque a estrutura da sessão restinja esse tipo de situação, para que se consiga atingir os objetivos a que ela se propõe. Talvez eu não tivesse compreendido isso se não me submetesse a todo o ritual.”

Quero destacar que participei de todas as sessões realizadas na Caminho de Luz, tanto no Templo quanto no centro de recuperação, durante meu período de campo. Enquanto observação participante ativa, a partir da primeira experiência na sessão acima relatada, optei por realizar a ingestão da bebida em todas as sessões. Desta forma, busquei registrar as minhas impressões logo após as sessões, que também eram integralmente gravadas em áudio. Isso facilitou a proximidade com as pessoas da comunidade, que se sentiam á vontade para compartilhar de suas experiências comigo, como alguém que se fazia presente, efetivamente, no contexto ritual.

Para além disso, outros acontecimentos se apresentaram no campo, os quais entrelaçaram-se meu papel profissional ao de pesquisador. Ainda que eu soubesse que o campo poderia apresentar diversos fenômenos que ultrapassavam o alcance de meus objetivos de pesquisa, logo nos primeiros dias, passei a refletir sobre meu papel de pesquisador no campo. Uma das grandes observações que contribuíram para essa reflexão se deu em função de um diálogo informal que tive com um dirigente da instituição. Gentilmente, com um humor característico, ele me disse:

“Os índios aí, disseram assim outro dia: ‘Os antropólogo vem aqui pra conhecer nós e é nós que estamos conhecendo como é a vida dos antropólogo, de tanto



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

que já vieram pra fazer pesquisa’. Eles querem tanto pesquisar os índios que os índios é que estão pesquisando eles.”

A partir desta frase tive a certeza, uma vez que já desconfiava, de que o estranho no campo era eu. Aliás, num primeiro momento, mais fácil um grande grupo observar um único ser, do que este dar conta de um campo desconhecido. E assim se sucederam uma série de movimentos que demandavam flexibilidade para absorver o fluxo do inesperado.

Dalmolim, Lopes e Vasoncelos (2002), realizaram um escrito sobre sua experiência etnográfica em que descrevem o fluxo de sua pesquisa e experiência enquanto profissionais de saúde. Desta forma, podemos considerar que a viagem etnográfica, enquanto experiência, é subjetiva, e a consolidação dos dados, bem como as análises, dizem respeito à experiência e à criatividade do pesquisador (DALMOLIM, LOPES E VASONCELOS, 2002).

Enquanto “viagem etnográfica” (SALGADO, 2015), cada pesquisador experiencia um fluxo diverso, influenciado pela sua formação. Como método tradicional da antropologia, a etnografia pressupõe o contato direto com a população de estudo através da observação participante, caracterizando uma “relação social particular que é a relação pesquisador/pesquisado” (BEAUD & WEBER, 2007) Aos antropólogos, a etnografia se concentra na ida ao campo e no registro de informações como papel identificador de sua profissão. Isso caracteriza seus esforços em prol da boa pesquisa e da qualificação de seus dados, afinal é da antropologia o legado da pesquisa etnográfica. (BEAUD & WEBER, 2007)

Salgado (2015) destaca que a etnografia implica um sentido de presença uma vez que pressupõe o contato social direto e continuado com os agentes da investigação. A este aspecto, estar presente, presentificar-se como sujeito/pesquisador, imbuído de uma trajetória e um repertório de conhecimentos que compõem o papel profissional do pesquisador é, de fato, impactante durante o campo, uma vez que

“Estudiar como la gente responde a la presencia del investigador puede ser tan informativo como analizar la forma como ellos reaccionan frente a otras situaciones.” (HAMMERSLEY y ATKINSON, 1994, p.29)

Fato é, que quando em campo, o antropólogo se defronta com demandas que, muitas vezes, lhe conferem o caráter de observador participante sem que, neste sentido, insurjam demandas de



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

intervenção. A experiência em si se configura como uma relação promotora de resultados etnográficos. (MAGNANI, 2002). A profissionais de saúde, inseridos em campos característicos e afins ao trabalho cotidiano, como um psicólogo em um centro de recuperação, o campo de pesquisa se mistura ao papel profissional por identificação ao “fazer interventivo”, ainda que este não seja o propósito de seu trabalho em campo.

Conforme destaquei, no artigo de Dalmolim, Lopes e Vasoncelos (2002), apresentam seus dilemas e saídas para os desafios do campo enquanto profissionais da saúde. As pesquisadoras discutem a própria implicação na pesquisa a partir de um “olhar de fora” na busca por uma reflexividade no processo de pesquisa. É o que proponho com este trabalho, apresentar questões reflexivas acerca de minhas experiências de campo.

Inicialmente busquei não me identificar como psicólogo, o que logo foi revelado pela equipe que me recebeu, uma vez que conheciam meu projeto. O termo de consentimento livre e informado, exigido pelo programa de mestrado, me apresentava como psicólogo. Logo nas primeiras reuniões e contatos, meu papel profissional era destacado pelos meus informantes. Vale ressaltar que a instituição não dispunha de nenhum psicólogo no momento da pesquisa de campo. Isso gerou dupla expectativa aos membros da comunidade: quanto aos objetivos da pesquisa em si; e quanto à suprir uma lacuna institucional por “escuta qualificada”.

Minha experiência de campo estava relacionada ao fato de conviver na comunidade durante todo o período da pesquisa, participando de todas as atividades oferecidas, especialmente às práticas espirituais/religiosas. Fiquei alojado em uma das residências da Mestre Gabriel, de onde observava e experienciava o fluxo do campo, ao passo que ia sendo “absorvido” por ele. Me refiro à absorção enquanto experiência de “afetamento” (FAVRET-SAADA, 2005) diante dos fluxos que o campo demandava. Essa reflexão se confirmava à medida que os dias passaram enquanto a experiência de afetamento se efetivava em mim como experiência.

O fluxo da escrita do caderno de campo, inicialmente, se manteve no registro de contextos do cotidiano e na estrutura física do local, como se elementos concretos pudessem me conduzir para caminhos a seguir, diante de um rio que corria livremente. O processo de “andar e ver” (SILVA, 2009) era constante enquanto me sentia deslocado e atendendo contatos, buscando proximidade.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

“Escuto do quarto risadas soltas e livres. Crianças brincando na terra ou com qualquer objeto que encontram por onde passam. Brincam em meio a cajueiros, folhas e cajus caídos de maduro das altas árvores que sombreiam as singelas casas de tábuas e janelas sem vidraças que coloridas são. Uma calma parece conviver livremente com a rotina de trabalho e tarefas que cada um desempenha na instituição, ou mesmo fora dela, já que os moradores da Mestre Gabriel também podem seguir sua vida para além da instituição.”

Nos primeiros contatos, iniciei um processo reflexivo em relação ao fluxo que se constituía entre meu papel de pesquisador “etnográfico” em campo e, de psicólogo e psicoterapeuta, como profissão de origem, ainda que os objetivos com relação ao trabalho de campo estivessem bem definidos. A primeira situação que me levou a observar esse fluxo de papéis foi no terceiro dia no campo. Eu estava sozinho na casa que me foi disponibilizada, aproveitando para colocar as idéias em ordem, quando fui surpreendido por uma visita. Em meu caderno de campo destaco as seguintes observações:

“É costume local que, do meio dia às quatorze horas, as pessoas descansam em suas casas ou em redes espalhadas embaixo das altas mangueiras a produzir lindos frutos que caem de maduros. Estranhamente, batem à porta. Meio confuso do ligeiro cochilo que fiz, vou atender. Era E., 38 anos, ex-namorada de J.. Relatou que se sente triste e chorosa. Perguntou se eu poderia escutá-la um pouco, ao que confuso em relação ao meu papel, consenti. Verbalizou sobre a separação. (...) O que a mim pareceu confuso e ambivalente. Não sei se minha experiência clínica tem se expresso de forma intensa, já que trabalho com questões conjugais, ou se é mera coincidência. De todo modo, considero manter atenção aos dados que me afetam ou á minha sensibilidade clínica que me conecta ao conhecido de minha profissão.”

Magnani (2009) aponta que a pesquisa etnográfica provoca uma atitude de estranhamento por parte do pesquisador, levando-se em consideração sua origem e sua cultura enquanto esquemas conceituais constituídos. Estes não são descartados frente ao campo, mas produzem o que o pesquisador considera ‘copresença’, onde se pode encontrar saídas inesperadas em meio às



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

possibilidades que se estabelecem (MAGNANI, 2009) Neste sentido, a experiência do pesquisador e sua habilidade teórica pode favorecer saídas criativas em meio às manifestações do campo.

Daquele momento em diante passei a observar minha própria relação com o campo, evitando intervenções que caracterizassem meu papel profissional buscando manter o foco nos objetivos e na metodologia de minha pesquisa. Esse fluxo de papéis que o investigador experiencia definem o tipo de participação que vai se configurar no campo, permitindo processos de criação e conhecimento favoráveis à construção etnográfica (SALGADO, 2015).

Como proposta metodológica, entrevistas em profundidade faziam parte da coleta de dados. A entrevista semi-estruturada se caracterizava como um diálogo extenso, o qual minha experiência profissional inevitavelmente se faria presente, ainda que mantendo-se os objetivos da pesquisa em mente.

Uma entrevista já havia sido realizada. Numa escuta breve do áudio, eu havia encontrado alguns pontos a desenvolver, mas considerei-me distanciado do campo das intervenções, característico das entrevistas que costumeiramente conduzo em psicoterapia. Uma segunda entrevista, como outro participante foi combinada despretenciosamente, e quando ele estava disponível fui solicitado.

“J.R. é reincidente na instituição. Negro, delgado, com inúmeras tatuagens pelo corpo, incluindo o pescoço e a face, muitas delas de cunho religioso. Eu havia dialogado com J. por pequenos períodos enquanto ele trabalhava na obra da casa de preparo. Ele sabia que eu realizava uma pesquisa. Imaginei que gostaria de contribuir com a pesquisa. J. parecia inquieto e angustiado. E eu tinha realmente interesse em uma entrevista com ele, pelo histórico de aprisionamento e relação com a justiça. J. havia demonstrado muita empatia nos momentos em que havíamos conversado. J. tinha ficado preso por 10 anos em função de envolvimento com o crime. Mas esse não era o objetivo de seu diálogo comigo. Sentamos junto ao pré-núcleo. Ele parecia ansioso como se algo o estivesse incomodando. Logo fez a seguinte solicitação: ‘Não tá gravando nada ainda, né? Espera, quero falar outras coisa’. Novamente meu papel profissional foi chamado ao contexto. Seu conflito dizia respeito à uma relação afetiva rompida a mais ou menos um mês. J. solicitou sigilo e reforçou



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

que eu não gravasse. Fato que respeitei. Registro em meu diário, a título de ponderações futuras relacionadas ao estudo que venho fazer. Não anotei nada no momento do diálogo. Os registros foram realizados á noite, quando me reservei a meus singelos alfarrábios. (...) Para além de pesquisador, naquele momento J. me requisitou como psicólogo. Cedi à escuta sensível, considerando a necessidade técnica profissional da instituição. Ainda assim, dados sobre as relações internas entre as pessoas da comunidade indicam padrões de convivência social que refletem aspectos éticos, morais e conflitos de normas que caracterizam o campo de investigação.”

A psicologia enquanto profissão e em relação aos seus objetos sociais, se traduz em julgamentos valorativos, que, ao serem incorporadas ao cotidiano de algumas camadas populacionais, “convertem-se, quase sempre, numa visão de mundo altamente subjetivista e individualista” (FIGUEIREDO e SANTI, 2002, p.87). A este aspecto, a profissão de psicólogo é vista como interventiva e individual, onde a escuta assume seu principal domínio, em detrimento ás as condições sociais, históricas e culturais presentes nas experiências subjetivas (PRAÇA e NOVAES, 2004).

Em outro momento, durante a observação de uma das reuniões noturnas que ocorriam na comunidade terapêutica, o coordenador conduzia sua fala até ser interrompido por um monitor que lhe solicitou a ida ao portão. Novamente fui solicitado a redirecionar o fluxo da pesquisa ao encontro de meu papel profissional. Eis o registro de meu diário de campo:

“A reunião havia começado a pouco. Eu havia observado que algumas pessoas se dirigiram até o portão, parecendo apreensivas com alguma situação. O residente responsável foi verificar e solicitou a presença de E. que teve que se ausentar da reunião. Prontamente E. me solicitou a prosseguir com a atividade que ele conduzia dizendo: ‘Você é psicólogo, pode seguir aqui pra nós!’ Eu não sabia o que fazer. Aliás nem sabia do que se tratava o conteúdo do material. Meu papel profissional de psicólogo se confundia novamente com o objetivo de pesquisador naquele lugar. Assumi a atividade mesmo tensionado a não o fazer. Me senti desconfortável em convidar R. (educadora) a assumir seu papel institucional frente aos internos. Ainda sem saber o que ia fazer e o que estava escrito nas folhas iniciei, apreensivo. Fiz algumas colocações enquanto me



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

desenrolava a ler “dinamicamente” trechos do texto. (...) O diálogo se desenvolveu em relação a uma série de dúvidas dos internos, desde as questões neurológicas e neuroquímicas da dependência química até questões emocionais e relacionais envolvidas no processo de recuperação. A conversa se estendeu por quase uma hora. Muitos participaram e eu me sentia sendo “consumido” pela demanda. Este fenômeno demonstrou a mim a intensa necessidade da instituição por profissionais técnicos e qualificação da equipe, diante do desafio do tratamento. E. retornou, aparentando certa apreensão e deu continuidade, finalizando a reunião. Fiquei me perguntando se pesquisadores de outras áreas, ou antropólogos teriam esta mesma demanda?”

Como de costume, mensalmente aos domingos, a comunidade recebe os familiares dos internos para visitas. Antes de acessarem às dependências da instituição, a família deve participar de uma reunião oferecida pela equipe com o objetivo de solucionar dúvidas e amparar às famílias quanto às suas angústias em relação ao tratamento. Numa destas oportunidades, resolvi observar, ao que uma nova situação me conduziu a um fluxo difuso aos objetivos que eu tinha planejado.

“Eu estava sentado junto às pessoas que chegavam, tentando não furtar a atenção. Assim que expõe sua fala, o coordenador da reunião me apresenta e me solicita a falar um pouco sobre as famílias nos contextos de dependência química. À esta altura ele sabia de minhas experiências nesses contextos de intervenção. Não havia como me ausentar desta tarefa diante de pessoas que eu não conhecia. Não quis ser grosseiro. Fiquei confuso sobre meu posicionamento e meu papel nesta reunião. (Pensando agora, esta pode ser uma troca positiva quanto ao que posso oferecer enquanto sujeito-pesquisador ao campo que demanda por profissionais técnicos, mas este não é meu objetivo). Me ative a fazer uma breve interlocução que não perdurou mais de cinco minutos me apresentando e falando sobre minha pesquisa e porque eu estava ali. Reforcei a todos a importância da família no tratamento e da necessidade de apoio e segurança para a manutenção da abstinência, bem como para que atentassem para as palavras de E. e R., devolvendo a palavra.”



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A única situação previsível ao fluxo de papéis pesquisador/profissional a que me ative a ponderar, havia sido as entrevistas. Como espaço de escuta, era inevitável que minha experiência carregaria em si o espaço de acolhimento às necessidades dos internos. Como possibilidade, esta experiência se qualificou como espaço em busca de resgate das trajetórias de vida, através da escuta de si, e enquanto espaço de diálogo, quiçá terapêutico:

“Hoje realizei três entrevistas. Lembro-me da forma com que todos me agradeciam ao final. ‘Eu acho que tudo que eu falei foi de coração. Tudo que eu falei foi uma... foi a minha vida, foi a minha vida.’ ‘Obrigado eu digo também pra você, por ter me escutado.’ Mas A. foi quem mais me impactou. Ao final da entrevista, depois de ter me contado sua trajetória de vida, agradeceu e se colocou a chorar. Depois solicitou a mim a informação sobre se outras pessoas também tinham tido ‘isso’, a forma como classificou o que sentira. Ele me relatou que há muito tempo não compartilhava com ninguém sua história e que a entrevista o colocara de volta ao passado, fazendo com que sentisse vontade de chorar. Ele demonstrou tranquilidade ao falar sobre esse sentimento, ao que agradei pela compreensão e por compartilhar sua história comigo. Tenho a impressão que as demonstrações afetivas são constrangedoras a muitas pessoas daqui, mas me passa a ideia de que esta situação decorre de sentimentos de vergonha e culpa diante do caminho percorrido.”

Considerando os recortes apresentados, acredito que as saídas possíveis foram alcançadas, por meio de habilidade e criatividade para que o papel profissional não se sobressaísse ao de pesquisador, minha principal tarefa em campo. O que destaco é a capacidade e a necessidade reflexiva diante das demandas que se apresentam. É nesse exercício que as pesquisas se efetivam e os resultados se consolidam.

Necessário se faz, levar em conta os momentos de interação, diferenciação e reciprocidade entre o pesquisador e os atores sociais participantes no trabalho de campo (GUBER, 2011). A este aspecto, através da experiência pessoal do uso da ayahuasca, nas sessões espirituais consegui adentrar intensamente na cultura da comunidade. Essa lógica configurou possibilidades de entendimento quanto aos conceitos básicos da doutrina, como quanto às narrativas pessoais produzidas a partir da ingestão do chá, quando tive a oportunidade de realizar entrevistas em profundidade.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Estes breves recortes que apresentei elucidam minha experiência com a etnografia, enquanto possibilidade na pesquisa em saúde, como um desafio ao pesquisador diante de um campo de fluxos que se estabelecem continuamente. Movimentos, deslocamentos, como um rio que deságua em direção ao desconhecido, ainda que seu objetivo seja encontrar com o mar.

Defino esta experiência, como um desafio provocador de inúmeras reflexões, das quais ainda me coloco a questionar: Caberiam outras formas de posicionamento diante do fluxo dessas demandas? Como garantir uma neutralidade possível? Quais as influências dos papéis profissionais dos pesquisadores em seus métodos de pesquisa? Que ‘produtos’ esta experiência pode efetivar ao campo das pesquisas?

Desta forma, devemos lembrar que, a prática da reflexividade está à serviço da produção dos saberes e da promoção do pensar em busca de pesquisas que representem os interesses coletivos. Lembrando Hammersley y Atkinson,

“Actuamos em el mundo social y somos capaces de vermos a nosotros y nuestras acciones como objetos de esse mundo. Al incluir nuestro próprio papel dentro del foco de investigación y explorar sistemáticamente nuestra participación como investigadores em el mundo que estamos estudiando, podemos desarrollar y comprobar la teoría sin tener que hacer llamamientos inútiles al empirismo. (p. 40, 1994)

Referências

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed: 2009.

ASSIS, G.L. e LABATE, B.C. Dos igarapés da Amazônia para o outro lado do Atlântico: a expansão e internacionalização do Santo Daime no contexto religioso global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.34, n.2, p.11-35, 2014.

BEAUD, S. e WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOSI, M.L.M. Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, 17(3):575-586, 2012.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

BRISSAC, S. José Gabriel da Costa: trajetória de um brasileiro, mestre e autor da União do vegetal. In: LABATE, B.C. e ARAÚJO, W.S. (orgs.) **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

CAPRARA, A.; LANDIM, L.P. Ethnography: its uses, potentials and limits within health research. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.12, n.25, p.363-76, abr./jun. 2008.

DALMOLIM, M.B., LOPES, S.M.B E VASONCELOS, M.P.C. A construção metodológica do campo: etnografia, criatividade e sensibilidade na investigação. **Revista Saúde e Sociedade** 11(2): 19-34, 2002.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Revista Cadernos de Campo**. Nº 13, pp.155-161, 2005.

FIGUEIREDO, L.C.M; SANTI, P. L. R. **Psicologia: uma (nova) introdução**. São Paulo: Educ, 2002.

GENTIL, L.R.B. e GENTIL, H.S. O uso de psicoativos em um contexto religioso: a União do Vegetal. In: LABATE, B.C. e ARAÚJO, W.S. (orgs.) **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

GUBER, R. **La etnografia: método, campo e reflexividad**. 1ª ed., Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

HAMMERSLEY, M. y ATKINSON, P. **Etnografía: Métodos de Investigación**. 1ª ed., Barcelona: Ediciones Paidós, 1994.

KNAUTH, D. A etnografia na saúde coletiva: desafios e perspectivas. In: SCHUCH, P.; VIERIA, M.S. E PETERS, R. (orgs.) **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010.

LABATE, B. C. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. S. Paulo: Mercado das Letras / FAPESP, 2004.

MACRAE, E. The ritual use of ayahuasca by three Brazilian religions. In: COOMBER, R. & SOUTH, N. **Drug Use and Cultural Contexts Beyond the West**. London, Free Association Books, p. 27-45, 2004.

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: nota para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

MAGNANI, J.G.C. Entrevista: A etnografia é um método, não uma mera ferramenta de pesquisa...que se pode usar de qualquer maneira. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 43, n. 2, jul/dez, 2012, p. 169 - 178

MAGNANI, J.G.C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

MERCANTE, M.S. A ayahuasca e o tratamento da dependência. **Revista Mana**. Rio de Janeiro vol.19, n.3, 2013.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez., 2014

PRAÇA, D.B.K. & NOVAES. H.G.V. A Representação Social do Trabalho do Psicólogo. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, 24 (2), 32-47, 2004.

RIBEIRO, F.B. Etnografias a jato. In: SCHUCH, P.; VIERIA, M.S. E PETERS, R. (orgs.) **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010.

RICCIARDI, G.S. **O uso da ayahuasca e a experiência de transformação, alívio e cura, na União do Vegetal (UDV)**. Salvador, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, 2008.

SALGADO, R.S. A Performance da Etnografia como Método da Antropologia. **Rev. ANTROPOLógicas**, nº 13, 27-38, 2015.

SILVA, H.R.S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009